



LIMITES E POSSIBILIDADES PARA EDUCAÇÃO NO CAMPO EM VERA NO ESTADO DE MATO GROSSO

Jucimara Aparecida de Lima*

Odimar João Peripolli**

RESUMO

Este artigo aborda a temática da educação no campo e teve como objetivo analisar as questões que envolvem a realidade da escola no campo. O método de pesquisa foi o Estudo de Caso e os sujeitos foram três professores, dois alunos e dois pais. A análise dos dados foi feita a partir de uma perspectiva Sócio-histórica com os autores Paulo Freire, Miguel Arroyo e Odimar João Peripolli. Conclui-se que a educação do campo deve ter uma identidade campesina, dependendo de políticas públicas voltadas ao campo.

Palavras-chave: Educação. Educação no Campo. Identidade campesina. Estudo de Caso.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo abordar um dos desafios da educação brasileira, mais especificamente, àquela voltada aos povos do campo, denominada de educação rural. Há bastante tempo o campo vem sofrendo pela falta de políticas voltadas aos sujeitos que ali vivem e trabalham. Entre as diversas situações de exclusão a que são submetidos, está a da terra e a da possibilidade de uma educação/escola de qualidade.

A experiência que trazemos para reflexão diz respeito ao fazer pedagógico – relações em construção – que acontece em um cotidiano permeado pela insegurança devido estar em constante luta pela regularização e reconhecimento pelos órgãos públicos de direito. É o caso

* Acadêmica do 7º Semestre do Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem da UNEMAT - Campus Universitário de Sinop.

** Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor concursado em Metodologia Científica, do Campus Universitário de Sinop.

da Extensão da Escola Vitor Valendorf que se localiza em uma área considerada Reserva Legal. Comunidade Alto Celeste, no Município de Vera-MT.

Em Vera-MT, existem duas escolas denominadas rurais ('as escolinhas'). Uma está localizada no Assentamento de Reforma Agrária - Califórnia, onde pertence à Vera (Escola Municipal Rural Municipal Vitor Valendorf), e a outra na Comunidade Alto Celeste, locada entre Sorriso e Vera, Sendo esta uma extensão daquela. Contudo, a responsabilidade de manutenção pertence à Vera.

Este espaço simboliza esperança e superação dos que apostam na possibilidade de vida digna enquanto trabalhadores em pequenas propriedades rurais, ou seja, enquanto camponeses. Retratar esta realidade, a partir da compreensão da experiência e pelas práticas pedagógicas da educação voltada para o trabalhador rural, bem como pelas relações estabelecidas entre os sujeitos deste processo, é o nosso desafio.

Assim sendo, nosso olhar se volta para a escola desta Comunidade. Interessa-nos saber como se dá o fazer pedagógico entre os diferentes atores que, direta o indiretamente, estão envolvidos no processo escolar. Em outros termos, retratar alguns aspectos das muitas realidades que envolvem o fazer cotidiano em uma escola no/do campo. Estes aspectos evidenciam de certa forma, uma realidade maior que faz parte de realidades que ficam veladas e que, por isso, merecem a nossa atenção enquanto professores.

Os muitos desafios enfrentados por esta Comunidade (Alto Celeste), bem como as muitas possibilidades/esperanças de uma outra escola (no/do campo), podem se manifestar nas falas dos professores, educados, pais, comunidade - sujeitos mais próximos da realidade onde se dá o processo ensino-aprendizagem. Lugar este onde a realidade se mostra na sua forma mais complexa, e que foge ao olhar muitas vezes, desinteressados dos gestores de Políticas Públicas. É o que, comumente, chamamos de 'descaso' para com as políticas públicas educacionais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No campo, hoje, as famílias de pequenos agricultores, como é o caso dos parceiros em assentamentos de reforma agrária, buscam estratégias/formas de se reproduzirem enquanto camponeses. Uma destas, e, essencial, está quanto à garantia de acesso à educação escolar. Além do acesso, a busca por uma educação de qualidade, o que, em tese, garanta a permanência destes no campo por meio tempo possível. Em outros termos, os pais lutam para

que os filhos tenham a oportunidade que estes não tiveram, ou seja, a de estudar em uma escola que garanta a possibilidade de uma vida melhor.

A realidade vem mostrando que há ainda muito por ser feito. Ou seja, há muito que se avançar neste sentido. Não basta uma escola, mas possibilitar condições quanto a seu funcionamento. Há um conjunto de condições que devam ser levadas em conta para que possa dizer que há uma educação de qualidade.

Ou seja, as possibilidades de uma outra escola, escola no/do campo, está vinculada a uma outra proposta de campo. Este outro campo e esta outra escola colocariam em questão o projeto do capital. O que não significa, por certo, que não se possa mudar. O que se quer afirmar é que estas mudanças ficam limitadas (daí ‘reformas’) ao projeto posto.

Portanto, pensar a escola do campo, diferentemente da escola rural (‘escolinha das primeiras letras: ler, e escrever, e contar), significa avançarmos no sentido de que se possa vislumbrar um novo projeto de Brasil, um novo projeto de campo, um novo projeto de escola (PERIPOLLI, 2009, p. 22).

Considerando as palavras do autor, acrescentaria: um novo projeto de sociedade, pois o que está posto, penso, que é a grande responsável pela situação de empobrecimento e do esvaziamento do campo, resulta deste modelo pensado pelo projeto do capital, excludente e classista.

Nesta perspectiva, importa uma educação pensada através do olhar do camponês, da sua realidade, que atende e venha ao encontro dos seus interesses.

A educação do campo precisa de uma educação específica e diferenciada, isto é, alternativa. Mas, sobretudo, deve ser educação, no sentido amplo de processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz (ARROYO, 1999, p. 23-24).

O conhecimento, nesta perspectiva, parte da importância do que é próprio do camponês: seus costumes, valores, princípios, crenças, interesses. A escola do campo precisa estar preparada para colaborar com esta construção. Neste ponto é importante lembrar que isso será possível com políticas públicas, construídas no coletivo, os povos do campo, os movimentos sociais, a comunidade, as universidades.

Segundo Freire (1987, p. 68), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo”. Entende-se que a escola do campo precisa ser diferenciada e assumir o papel de mediadora do conhecimento. Isso só é possível intercalando os saberes científicos com a terra. No entanto, é necessário que a população rural

se mobilize no sentido de conscientizar toda a comunidade como sendo atores de sua própria história, trabalhando em prol de transformar a realidade em que vivem.

3 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLOGICOS

Este trabalho foi realizado no Assentamento de Reforma Agrária, Alto Celeste, Vera-MT, tendo como estudo de caso a escola (Extensão) Vitor Valendorf, na Comunidade Agrovila, aproximadamente 45 km de Vera.

Com o objetivo de ‘retratar’ as muitas questões que envolvem o fazer pedagógico numa escola do campo, seus limites e possibilidades de uma escola para os filhos dos trabalhadores.

Considerando os objetivos a que nos propomos nesta pesquisa, optamos pelo método de pesquisa Estudo de Caso. Segundo André (2005, p. 29), o que caracteriza um estudo de caso é a “singularidade da situação”, ou seja, a unidade escolhida para o estudo, que, segundo a autora, “representa por si só um caso digno de ser estudado, seja porque é representativo de muitos casos, seja porque é completamente distinto de outros casos”. O caso aqui se refere-se à escola na Comunidade Alto Celeste, Vera - MT.

Os sujeitos da pesquisa foram os professores, alunos, pais e membros da comunidade escolar (e não escolar). A escolha destes se deu de forma aleatória. Os instrumentos para a coleta de dados (trabalho de campo) foram, basicamente, observação, entrevistas (com questões semi-estruturadas), consulta a documentos, fotos, pesquisa bibliográfica.

A pesquisa foi realizada no período de 2013. A análise dos dados será feita a partir de uma perspectiva sócio-histórica. “A perspectiva sócio-histórica baseia-se na tentativa de superar os reducionismos das concepções empiristas e idealistas” (FREITAS, 2002, p. única). Para a autora, “a perspectiva sócio-histórica, tendo o materialismo histórico-dialético como pano de fundo, expressa em seus métodos e arcabouço conceitual as marcas de sua filiação dialética” (id.).

No que se refere à bibliografia utilizei de outros autores como Arroyo, Caldart e Molina (2009), Reck (2007), e entre outros que trazem em suas análises e pesquisas sobre a educação rural/do campo, bem como atual legislação que trata sobre a temática.

4 PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS

Conforme já mencionado a pesquisa foi realizada no Assentamento de Reforma Agrária, Alto Celeste, na Escola Municipal Rural Vitor Valendorf (Extensão), na comunidade Agrovila. Análise se deu sobre os espaços de análise se deu sobre os espaços de aprendizagem.

A pesquisa foi realizada com 3 alunos, com idades de 9 a 11 anos. Das crianças entrevistadas, apenas uma nasceu no assentamento. Um aluno mora há 10 anos e outro chegou este ano, veio da cidade de Sorriso - MT. Todos relatam que gostam de morar na comunidade, e gostam da escola, apesar das dificuldades enfrentadas.

Fica evidente, portanto, que: para os alunos é bom ir para a escola por que eles gostam da professora, da maneira que ela conduz a sua aula, e na escola eles aprendem que é importante estudar para realizar seus sonhos.

Bernard Charlot (1996, p. 29) afirma que:

A questão é que sentido tem para a criança o fato de ir à escola aprender coisas, o que mobiliza no campo escolar, o que a incita a estudar? Não que a questão das competências não seja importante: a escola como dissemos tem por função específica formar a criança permiti-lhe de se apropriar do saberes. Mas a criança só pode se formar, adquirir esses saberes, obter sucesso se estudar ela só estudará se a escola é o fato de aprender fizer sentido para ela.

Assim, entendemos que o sentido dos alunos gostarem de irem para a escola em meio a tantas dificuldades, é porque lá eles aprendem todo dia algo diferente que não aprenderia se ficasse em casa. Quando estão na escola é o momento que encontram os amigos para conversarem e brincarem. Pois os sítios ficam longe uns dos outros, isso dificulta a interação entre eles fora da escola.

Em relação ao transporte utilizado pelos alunos para chegar à escola, os que moram mais distantes, vem de ônibus; os moram na comunidade, na agrovila, a maioria vem a pé e/ou de bicicleta, pois a mesma fica perto da escola.

A maioria das crianças declarou que ajudam seus pais em casa, lavam louça, fazem pequenas tarefas da casa. Outras ajudam a vender mercadorias nas pequenas mercearias e em bares na agrovila.

Foi perguntado para as crianças o que elas querem ser 'quando crescer'. As respostas:

(01) Aluno 1: Quero ser professora, gosto de estudar e acho uma linda profissão.

(02) Aluno 2: Quero ser médico, um anjo para salvar vidas.

(03) Aluno 3: Quero ser advogado para ganhar muito dinheiro.

Ainda que seja necessário oferecer-lhes uma educação que os ajude no sentido de que, eles mesmos possam transformar a suas realidades adversas e corrigir as suas ineficiências e solucionar os seus problemas do cotidiano. E essas transformações podem e devem dar-se também pela educação dentro de uma escola voltada para a área do campo.

A pesquisa foi realizada com 3 pais, relação aos pais, realizei visitas em todas as residências dos mesmos, lotes, chácaras, e sítios do assentamento. Foram muitos acolhedores e se sentiram a vontade para responder as perguntas, sendo assim, buscando compreender melhor a vida no campo.

Foi perguntado aos pais, em relação à escola ressalta que, foram muitas lutas para conseguir escola mais perto de casa para seus filhos.

(04) Pai 1: Foi uma época muito difícil, as crianças tinham que acordar às 4 horas da manhã para pegar ônibus, ainda escuro, e ainda tinha que andar bastante até o ponto. Quando chegavam em casa, estavam tão cansados que nem queriam comer, só dormir.

Percebe-se que a escola foi uma grande conquista para os moradores do assentamento, e os pais contribuíram, e ainda contribuem, para a melhoria da escola com recursos próprios. A comunidade se reúne a cada 15 dias para fazer a limpeza ao redor da escola. Essa interação entre escola e comunidade é de grande importância para os alunos.

(05) Pai 2: escola é boa, é melhor do que as crianças irem para cidade de ônibus. É longe e perigoso. Vejo a escola uma oportunidade para meu filho estudar perto de casa.

A escolha das professoras que lá trabalham se dá por concurso público municipal e/ou através de testes seletivos, com duração de um ano. Somente o diretor da escola é concursado. Duas professoras e o diretor moram na cidade e se deslocam com o transporte escolar até a escola. Uma mora no Assentamento e vem de motocicleta.

Na fala da professora percebe-se a dificuldade para desenvolver as atividades na sala multisseriada, pela quantidade de alunos e series diferente na mesma sala, pois o tempo é pouco para passar todos os conteúdos planejados e discuti-los.

(06) Professora: É difícil conseguir desenvolver as aulas com sucesso. Muitas vezes passo os mesmo conteúdos para o 4º e 5º anos juntos. A sala é pequena e quente para os alunos.

Quanto à educação oferecida no campo, é possível ter um olhar mais além do que foi planejado pelo corpo docente da escola, pois os conteúdos são os mesmos da escola da zona urbana, isso faz com que as crianças não conseguem desenvolver as atividades a tempo pelo fato de estarem em salas multisseriadas.

O diretor ressalta que, como é uma “escola improvisada” no campo, os professores trabalham os mesmos conteúdos da cidade. Repete-se a justificativa dos professores anteriores. Ou seja, assimila-se a idéia e reproduz-se o mesmo discurso. Daí as políticas compensatórias.

(07) Diretor: Sempre que procuro buscar melhorias para escola sou impedido por motivos do assentamento ainda ser irregular, pois já é difícil manter a escola com o básico que é a manutenção a merenda e o salário dos professores.

Sendo assim torna-se complicado pensar numa possibilidade de educação de qualidade com tantos descasos na escola.

Segundo o diretor pretende-se buscar iniciativas de desenvolver projetos voltados à escola e a comunidade valoriza a identidade das pessoas do campo, também fortalecendo vínculos entre pais alunos e a comunidade, com a importância do resgate cultural.

Segundo Arroyo (1999, p. 79):

É necessário compreender as raízes dos povos do campo (valores moral, tradição etnias, festas, religiosidade popular, histórias da luta do povo, símbolos, gestos e místicas) e incentivar produções culturais próprias, sensibilizando a sociedade para valorizá-las. Realizar eventos que expressem e promovam as culturas. Romper com os modismo e concepções alienantes, que dão sentido que recuperando sua auto-estima.

Percebe-se a garantia do conhecimento educacional de qualidade, que possibilita o pleno desenvolvimento das potencialidades de nossos educados, bem como respeitar todas as formas de modalidade de educação que orienta pela existência do campo como um espaço de cultura, tem produto e produtor de cultura, tem sido grande desafio de nossa escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu conhecer e analisar a realidade dos alunos, pais e professores no assentamento Alto Celeste. Desta maneira, puder observar os diversos

desafios, que os alunos enfrentam todos os dias para estudar numa escola no campo em meio a tantas dificuldades. O espaço vivenciado encontra-se em constantes transformações, com relação à escola e as atividades desenvolvidas tanto no ambiente escolar, quanto fora dele.

A partir da pesquisa realizada, verificamos a necessidade de uma proposta de escola, para os filhos dos trabalhadores do campo. Ou seja, a possibilidade de uma educação voltada ao campo, com os métodos, conteúdos, de ensino aprendizagem que atendam as especificidades dos sujeitos que ali trabalham os trabalhadores do campo.

Cabe ressaltar que há a persistência da comunidade escolar em proporcionar um ensino e aprendizagem de qualidade aos alunos do campo, também a proposta de construir uma escola de qualidade, em que se valorizem os sujeitos do campo, a partir de uma visão mais ampla, voltada as lutas, condições de vida, trabalho e cultura.

Nesse sentido, atualmente, essa escola, com todas as limitações, é a única alternativa para estes alunos. As possibilidades se apresentam na medida em que se percebem em enquanto sujeitos de direitos, materializadas na luta por uma outra escola, qual seja, para além da escola das primeiras letras: ler, escrever e contar.

LIMITS AND POSSIBILITIES TO EDUCATION IN COUNTRYSIDE OF VERA, IN MATO GROSSO'S AREA

ABSTRACT¹

This article approaches the thematic of education in the countryside and had as goal of analyzing the questions which involves the reality of school in countryside. The searching method was the Study of Case and the subjects were three teachers, two students and two parentes. The analyzis of data was done based in a sociohistorical perspective with the authors Paulo Freire, Miguel Arroyo and Odimar João Peripolli. The conclusion is that countryside education must have a peasant identity, depending of public politics aimed to the countryside.

Keywords: Education. Education in the countryside. Peasant identity. Study of case.

REFERÊNCIAS

¹ Tradução realizada por Aline Schmidt de Lima (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

ANDRÉ, Marli E. D. A.; LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

ARROYO, Miguel G. Fernandes. **Escola Cidadania e Participação no Campo em aberto**, Brasília, 1999.

ARROYO, Miguel Golzalez; Roseli Salette Caldart; Mônica Castagna Molina. **Por uma educação do Campo** (Orgs.). Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. Brasília/DF, 1996.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília/DF: Senado, 1988.

CALDART, Roseli S. A. Escola do Campo em Movimento. In: ARROYO, Miguel G.; CALDART, Roseli S.; MOLINA, Monica C. (Org.). **Por uma educação do campo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber e com a Escola entre Estudante de Periferia, **Caderno de Pesquisa**, n. 97, maio 1996.

CRIANÇA 1. **Criança 1**. Entrevistadora: Jucimara Aparecida de Lima. Sinop, MT, 2013. 1 f. Questionário para o Trabalho de Conclusão de Curso de 2013.

CRIANÇA 2. **Criança 2**. Entrevistadora: Jucimara Aparecida de Lima. Sinop, MT, 2013. 1 f. Questionário para o Trabalho de Conclusão de Curso de 2013.

CRIANÇA 3. **Criança 3**. Entrevistadora: Jucimara Aparecida de Lima. Sinop, MT, 2013. 1 f. Questionário para o Trabalho de Conclusão de Curso de 2013.

DIRETOR. **Diretor**. Entrevistadora: Jucimara Aparecida de Lima. Sinop, MT, 2013. 1 f. Questionário para o Trabalho de Conclusão de Curso de 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116 - São Paulo, Jul de 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200002 >. Acesso em: nov. 2012.

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Irmão; MOLINA, Mônica C. (orgs.). **Por Uma Educação do Campo (Memória)**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília (vol. 1), 1999.

PAI 1. **Pai 1**. Entrevistadora: Jucimara Aparecida de Lima. Sinop, MT, 2013. 1 f. Questionário para o Trabalho de Conclusão de Curso de 2013.

PAI 2. **Pai 2**. Entrevistadora: Jucimara Aparecida de Lima. Sinop, MT, 2013. 1 f. Questionário para o Trabalho de Conclusão de Curso de 2013.

PASSOS, Luiz Augusto. Universidade, Trabalho e Movimentos Sociais. In: MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda; MULLER, Maria Lúcia Rodrigues (Org.). **Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste** – ANPEd. Campo Grande, EdUFMT, 2006.

PERIPOLLI, Odimar j. **Expansão do Capitalismo na Amazônia Norte Mato-Grossense: A Mercantilização da Terra e da Escola**. PRPPG (Tese de Doutorado). Porto Alegre, 2009.

RECK, Jair (Org.). Novas Perspectivas para Educação do Campo em Mato Grosso. **Contextos: (RE) significado a aprendizagem e a vida**. Seduc, MT, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.